

Ideologia e Linguagem: Contribuições de Bakhtin à construção do conhecimento nas ciências humanas e sociais

*Maria Helena da Costa Carvalho*¹

DOI 10.20399

Resumo

Este texto caracteriza-se como estudo introdutório ao pensamento de Mikhail Bakhtin e colaboradores. Elegemos ideologia e linguagem como categorias-chave da concepção interacionista bakhtiniana que serve de lastro à constituição da teoria dialógica. Nessa perspectiva, discutimos o conceito de ideologia como questão crucial nas reflexões em torno da construção do conhecimento nas Ciências Humanas e Sociais, enfatizando o seu significado na abordagem bakhtiniana do chamado Círculo de Bakhtin. Nesse contexto, discorremos sobre a concepção de linguagem como campo privilegiado para a expressão da ideologia, situando as ideias de Bakhtin em relação à construção do conhecimento nas Ciências Humanas, recuperando a concepção de linguagem e discutindo a interação como “princípio” constitutivo da teoria dialógica. Concluímos levantando alguns questionamentos que apontam a necessidade de aprofundamento de estudos particularmente ligados às metodologias na produção de conhecimento nas ciências humanas, e alertando para a exigência de uma postura ética do pesquisador na relação com o *outro*, ou seja, com os sujeitos de sua pesquisa.

Palavras-chave: Ideologia; Linguagem; Epistemologia

Abstract

This paper is an introductory study to the thought of Mikhail Bakhtin and his contributors. We chose ideology and language as key categories of the bakhtinian interactionist perspective, that provides the basis for the constitution of dialogical theory. From this perspective, we discuss the concept of ideology as a crucial issue in the reflections on the knowledge construction in Human and Social Sciences, emphasizing its meaning in Bakhtin approach to the so-called Bakhtin Circle. In this context, we discuss the conception of language as a privileged field for ideology expression. We then present Bakhtin's ideas about the construction of knowledge in Human Sciences, stressing the conception of language and discussing the interaction as constitutive "principle" of dialogic theory. At the end, we raise some questions that point out the need to deepen studies particularly on Human Sciences methodology, alerting to the requirement of an ethical position of the researcher concerning the relation to “the other”, in

¹ Mestra em Educação pela Université du Québec à Hull; Professora Adjunta III da Universidade Católica de Pernambuco.

other words, to the subjects of his research.

Key words: Ideology; Language; Epistemology.

Introdução

Ideologia e linguagem são temas que se articulam e se fazem presentes no debate acadêmico sobre conhecimento, trazendo na esteira discussões polêmicas como verdade/ciência, realidade/consciência, universalismo/particularismo, racionalidade/sentimento e tantos outros que continuam a mobilizar o pensamento na história da humanidade. Isto sem falar da presença desses dois conceitos no discurso contemporâneo pós-moderno, das (des)construções discursivas, da fragmentação, do instantâneo, do efêmero, do descartável, do contingente, do simulacro, do virtual, do imaginário, assim como, numa dimensão mais política, da desregulamentação e privatização, da lógica do mercado, do esvaziamento da história, do reformismo.

Não temos a pretensão de discutir a gama de significados atribuídos ao termo ideologia, reprisando o histórico desse conceito, desde a sua utilização por Destutt de Tracy², nem mesmo revisitar as diversas expressões que veio assumindo, numa perspectiva marxista, o que já foi feito, com propriedade, por Konder (2002) e Eagleton (1997). Quanto à linguagem, também não vamos nos debruçar nas teorias que ensaiam hipóteses sobre as origens da linguagem humana (da gestual à fônica). Quanto a esse aspecto, vamos, apenas, destacar que partilhamos a ideia do papel desempenhado pela organização social produtiva, pela decorrente necessidade de comunicação entre os homens e pelo entrecruzamento linguístico, no nascimento e desenvolvimento da linguagem, tanto no campo da semântica, como na área da gramática, assim como reafirmamos os seus usos nas relações de poder, desde os tempos mais remotos, e como embrião da divisão de classes. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p. 226)³.

² Esse enfoque histórico poderá ser estudado, entre outros autores, em Chauí (1994), Thompson (1995), Konder (2002).

³ Considerando a reviravolta a que assistimos em relação à autoria das obras do chamado “Círculo de Bakhtin” e, nesse contexto, Marxismo e Filosofia da Linguagem ter sido atribuída à Volochinov, ao longo do texto identifiquei sua autoria mas, quando coloco a referência de citações, menciono (Bakhtin/Volochinov) conforme a edição por mim utilizada.

Interessa-nos, particularmente, abordar as relações do conceito de ideologia com as vertentes epistemológicas relativas à construção do conhecimento nas Ciências Humanas e Sociais, à luz da concepção bakhtiniana de linguagem, que tem sua expressão mais completa na teoria dialógica.

Nessa perspectiva, num primeiro momento, discutimos o conceito de ideologia como questão crucial nas reflexões em torno da construção do conhecimento nas Ciências Humanas e Sociais, enfatizando o seu significado na abordagem bakhtiniana do chamado Círculo de Bakhtin⁴. Nesse contexto, discorreremos sobre a concepção de linguagem como campo privilegiado para a expressão da ideologia, situando as ideias de Bakhtin em relação à construção do conhecimento nas Ciências Humanas. E, finalmente, recuperamos a concepção de linguagem, discutindo a interação como “princípio” constitutivo da teoria dialógica. À título de considerações finais, levantamos alguns questionamentos que reafirmam a não-submissão do campo das Ciências Humanas e Sociais à transposição mecânica dos mesmos métodos aplicados ao mundo físico e natural, o que implica a construção de uma metodologia e não simplesmente a utilização de um “método”, e alertamos para a exigência de uma postura ética do pesquisador na relação com o *outro*, sujeitos de sua pesquisa.

1. Ideologia e construção do conhecimento

Abordar o problema da relação entre a construção do conhecimento e as condições sociais em que é produzido implica, necessariamente, confrontar-se com a questão da ideologia. De fato, “o esforço de conhecer enfrenta, inevitavelmente, pressões deformadoras provenientes de elementos constitutivos da cultura e da sociedade onde o sujeito cognoscente vive” (KONDER, 2002, p.

⁴ Apesar das restrições ao termo, essa tem sido a denominação utilizada pelos estudiosos ao fazerem referência aos trabalhos desenvolvidos por Bakhtin e seus colaboradores, particularmente Volochinov e Medviédev. Segundo Geraldi (2013, p. 10), o “círculo”, como algo institucionalizado, nunca existiu e essa denominação é posterior. Ele cita Ponzio (2011) para quem a expressão “círculo” é um equívoco se considerado como escola e mais ainda “de Bakhtin”, se for tomada “em termos de derivação, de pertencimento, de genealogia” Pode-se, no entanto, considerar como um grupo de colaboradores que se reuniam a partir de interesses e competências diferentes na realização de pesquisas comuns.

18). Além disso, a busca da universalidade do conhecimento, de um lado, e os interesses particulares, de outro, constituem mais um dilema epistemológico para as Ciências Humanas e Sociais.

Historicamente, o desenvolvimento da ciência apoiou-se em critérios de “verdade” baseados na experimentação, na mensurabilidade, na objetividade, na suposta neutralidade. Mas o campo das Ciências Humanas e Sociais não se submete a esses critérios e a transposição mecânica dos mesmos métodos aplicados ao mundo físico e natural leva, necessariamente, à dificuldade de compreensão do homem em sua complexidade, pois não se presta à simplificação realizada por métodos que reificam o humano como “coisa inerte”.

Bakhtin (2003) tinha uma clara percepção da diferença entre conhecer um objeto físico (“coisa muda”) e produzir conhecimento no âmbito das ciências humanas (ter outro sujeito como objeto de conhecimento) e afirmava:

As ciências exatas são uma forma monológica de saber: o intelecto contempla uma coisa e emite um enunciado sobre ela. Aí só há um sujeito: o cognoscente (contemplador) e falante (enunciador). A ele só se contrapõe a coisa muda. Qualquer objeto do saber (incluindo o homem) pode ser percebido e conhecido como coisa. Mas o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado como coisa porque, como sujeito e permanecendo sujeito, não pode tornar-se muda; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser dialógico (BAKHTIN, 2003, p. 400)

Mas, como atribuir o status de Ciência ao campo social? Afinal, o que é conhecer? O que é a verdade? Como avaliar conhecimento num nível de realidade que não pode ser quantificado? Como proceder quando o homem se constitui, simultaneamente, sujeito e objeto do conhecimento? Essa ordem de conhecimento não escaparia a toda possibilidade de objetivação? Como conciliar a não-neutralidade com o rigor científico? Como estar imune à ideologia?

Para Minayo (1993, p. 14), o aspecto distintivo das Ciências Sociais está, justamente, no fato de ser intrínseca e extrinsecamente

ideológica, o que faz eco com o pensamento de Konder (2002, p. 257) para quem:

Não existe imunidade contra a ação sutil da ideologia: ela pode se manifestar tanto na percepção sensível como na análise e na reflexão; pode aparecer tanto na pretensão à universalidade como na resignação à particularidade. O pensamento pode se perder tanto na abstração como na empiria. A sensibilidade pode falhar sendo intensa ou enfraquecida.

Na busca de teorias explicativas da realidade social, três vertentes epistemológicas ainda hoje se confrontam: o objetivismo, o subjetivismo e o interacionismo. Franco (1990) sintetiza as características de cada uma: a) o objetivismo, pautado nos postulados teóricos de matriz positivista, entende que a sociedade é regida por leis naturais, independentes da vontade humana. Como consequência, na construção do conhecimento, busca-se atender aos marcos teóricos do cientificismo (experimentação, quantificação, neutralidade, objetividade) separando/isolando o sujeito cognoscente do objeto do conhecimento, como se os fatos sociais fossem desprovidos de historicidade, movimento e contradição; b) a abordagem subjetivista ou idealista, por sua vez, também negligencia o caráter histórico e transitório dos fatos. Entende que o sujeito cognoscente é o criador da realidade, tendo predominância sobre o objeto de conhecimento e, conseqüentemente, cai no engodo da psicologização excessiva. Desse modo, fragmenta a realidade, permanecendo no nível das análises abstratas e universais, perpetuando conclusões centradas no indivíduo e em seus vínculos intimistas, desconsiderando o caráter histórico das trajetórias pessoais. Assim, configura-se insuficiente para explicar a realidade; c) o interacionismo defende que a construção do conhecimento acontece sob o vínculo indivíduo e sociedade, o que implica tratar o objeto de estudo em um processo de mudança que se concretiza na ação, no movimento, na prática social. Concebe o indivíduo como ser histórico, datado e situado, ocupando um lugar determinado dentro de uma estrutura social historicamente determinada.

Por isso, compreender o indivíduo significa explicitar a especificidade de sua atividade no

contexto de uma configuração social. Significa, ainda, conhecer os motivos e objetivos de suas ações que, mediadas pelo pensamento e linguagem, refletem a consciência social dos indivíduos, a qual, na atividade prática concreta, não somente se manifesta, como também se desenvolve e, ao desenvolver-se transforma o mundo e se transforma (FRANCO, 1990, p.66)

Adotando uma filosofia do movimento e atento às contradições da prática social, Bakhtin situa-se nessa última vertente. A epistemologia das Ciências Humanas, em Bakhtin, pautada em sua filosofia da linguagem, configura-se como uma forma de produzir conhecimento em oposição tanto à concepção positivista, que assimila o mundo humano ao mundo natural, como ao subjetivismo que prioriza o sujeito em detrimento da realidade objetiva. Nas Ciências Humanas, a produção do conhecimento implica o entendimento desse campo de saber a partir de uma abordagem sócio-histórica que possibilite a apreensão da realidade em seu dinamismo e contradições. Nem o sujeito é submisso às estruturas sociais nem é uma subjetividade autônoma em relação à sociedade (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004).

Essa dialeticidade entre objetividade e subjetividade, estrutura e agente, universalidade e singularidade, contexto social e existência individual, determinismo e voluntarismo também é problematizada nas reflexões tecidas sobre ideologia e consciência. Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Volochinov posiciona-se contra a colocação da ideologia ora na consciência, ora como algo pronto advindo do mundo da natureza ou mesmo do mundo transcendental, e inscreve essa questão no conjunto de todas as outras discussões filosóficas, que ele trata de forma concreta e dialética, como a questão da constituição de signos, ou a questão da constituição da subjetividade (MIOTELLO, 2012, p. 168). Para ele, a consciência individual se constrói na interação, sob a primazia do universo da cultura; forma-se a partir da superestrutura social, logo, o social precede o individual. Consequentemente, a criação ideológica é sempre social e histórica, e exige, para ser estudada, um conceitual e um método de natureza sociológica (FARACO, 2009, p. 48).

Vale destacar que o conceito de ideologia, fundamental no

pensamento de Bakhtin e de seu “Círculo”, amplia-se para além do entendimento de ideologia como falsa consciência ou mascaramento da realidade⁵ e da relação direta entre a estrutura socioeconômica e as superestruturas ideológicas.

Segundo Faraco (2009, p.46), nos textos do “Círculo”, a palavra ideologia é usada em geral para designar o universo dos produtos do “espírito humano”, a chamada cultura imaterial ou produção espiritual ou, numa terminologia materialista, formas da consciência social. Assim, ideologia, para o “Círculo de Bakhtin”, abrange todas as manifestações superestruturais, englobando a arte, a filosofia, a ciência, o direito, a religião, a ética, a política.

Volochinov assim se pronuncia: “Por ideologia entendemos todo o conjunto de reflexos e *interpretações* da realidade social e natural que *se sucedem no cérebro do homem*, fixados por meio de palavras, desenhos esquemas ou outras formas *sígnicas*” (VOLOCHINOV, 2013, p.138, nota de rodapé).

A dinamicidade dialética também se manifesta nos jogos de poder entre duas esferas do quadro das relações socioculturais: a ideologia oficial (de caráter centrípeto, centralizador e monologizante) e a ideologia do cotidiano (de caráter centrífugo, nascida no contexto da vida cotidiana, nos encontros casuais e fortuitos). Bakhtin e seus colaboradores estabelecem uma relação dialética entre essas duas instâncias: “De um lado, a ideologia oficial como estrutura ou conteúdo relativamente estável; de outro, a ideologia do cotidiano, como acontecimento, relativamente instável; e ambas formando o contexto ideológico completo e único, em relação recíproca, sem perder de vista o processo global de produção e reprodução social (MIOTELLO, 2012, p.169).

Nesse cenário, vale registrar a ambiguidade dos signos ideológicos que, em *dialética interna*, tanto refletem como refratam a realidade, conforme os usos feitos pelos diversos grupos, classes sociais para atender aos respectivos interesses. “Na realidade, todo

⁵ Destaque-se que essa concepção serve de ponto de partida e não é, em absoluto, descartada. Os baktinianos, entretanto, segundo Miotello (2012, 168-169) destroem e reconstróem esse conceito, colocando ao lado da ideologia oficial (relativamente dominante, procurando implantar uma concepção única de produção de mundo) a ideologia do cotidiano (constituída nos encontros casuais na proximidade social com as condições de produção e reprodução da vida).

signo ideológico vivo, tem, como Jano, duas faces. Toda crítica viva pode tornar-se elogio, toda verdade viva não pode deixar de parecer para alguns a maior das mentiras” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p. 47).

É sob esse lastro que Volochinov (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004) articula as bases de uma teoria marxista da criação ideológica aos problemas da filosofia da linguagem e enfatiza o papel da linguagem na interação verbal como forma de materialização da ideologia.

2. Ideologia, linguagem e interação

Ambíguo, paradoxal, polissêmico, o conceito de ideologia encontra, na linguagem, quer prática, quer filosófica, sociológica ou político-científica, um campo privilegiado de observação, reflexão e estudo.

Fenômeno que nos acompanha ao longo de toda a vida, a linguagem joga papel fundamental na organização da vida social e na constituição da subjetividade e, apesar da familiaridade com que lidamos com a palavra, desde a mais tenra idade, a tensão que acompanha o ato da fala sinaliza a complexidade de que se reveste e que alcança dimensões inusitadas no constante diálogo que travamos com o mundo, com a vida, com o outro e com nós mesmos.

Cunha (2009, p. 29) identifica a linguagem como “ponto central da teoria bakhtinina [e afirma que] a palavra no discurso tem caráter axiológico e escolher uma palavra é posicionar-se axiologicamente”. Nessa roda de diálogo, Konder (2002, p. 151) participa, realçando que “tanto em sua gênese como em seu emprego, os termos da linguagem põem a nu os valores das sociedades que os criaram e os mantêm vivos”.

É nesse salto qualitativo, que tem lugar na conexão feita entre a ideologia e os estudos da linguagem, que se inscreve a contribuição de Bakhtin e de seus colaboradores. É a sua teoria da linguagem que serve de base a sua concepção de homem e da sua atitude em face da questão da ideologia (KONDER, 2002).

Há, portanto, uma dimensão axiológica expressa na dinâmica das relações entre a linguagem e a vida social. De fato, a linguagem configura-se como “o lugar mais claro e completo da materialização do fenômeno ideológico” (MIOTELLO, 2012, p.

Na realidade não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2004, P. 95).

Na leitura de Tezza (2003, p. 32), a linguagem

está indissolúvelmente ligada a um complexo de valores – toda enunciação compreende uma *orientação apreciativa*. Isto é, toda palavra concreta (pensada, falada, sussurrada, imaginada, sonhada) está vestida, impregnada, banhada de significados sociais concretos *prévios* sobre os quais colocamos nossa orientação.

Volochinov concebia a ideologia e a linguagem como realidades interligadas. Para ele, “tudo que é ideológico é um signo. Sem signo não existe ideologia”⁶ (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p. 31). Sendo o signo ideológico, a representação da realidade é feita a partir de uma situação e de um lugar valorativo, sócio-historicamente determinados. É pois na linguagem, na interação verbal que o fenômeno ideológico ganha corpo e se materializa.

Para Bakhtin (2003), todas as esferas da atividade humana estão relacionadas com a utilização da linguagem e “*a essência efetiva da linguagem está representada pelo fato social da interação verbal, que é realizada por uma ou mais enunciações*” (VOLOCHINOV, 2013, p.158, grifos do autor).

E Volochinov acentua o caráter dinâmico da linguagem, em constante movimento, em contínuo devir:

A linguagem não é alguma coisa de imóvel,

⁶ Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Volochinov explica como o que faz parte da realidade (natural ou social), um corpo físico, um instrumento de produção ou um produto de consumo, a exemplo do princípio de inércia e de necessidade da natureza (determinismo), da foice e do martelo (comunismo), do pão e do vinho (religião) podem ser convertidos em símbolos, logo, em signos ideológicos.

fornecida de uma vez por todas e rigorosamente determinada em suas “regras” e em suas “exceções” gramaticais. Ela é um produto da vida social, a qual não é fixa e nem petrificada: a linguagem encontra-se em perpétuo devir e seu desenvolvimento segue a evolução da vida social (VOLOCHINOV, 1981, p.1).

Na explicitação dos pressupostos epistemológicos da linguagem, atribuindo uma dimensão sócio-histórica aos sujeitos, Volochinov situa os limites das duas principais correntes do pensamento linguístico, no contexto de monopolização oficial dos discursos filosóficos na União Soviética da década de 20: o subjetivismo idealista, representado por Humboldt⁷ e o objetivismo abstrato, que tinha em Saussure seu principal expoente.

Na visão estruturalista de Saussure, a língua é concebida como um sistema de regras estáveis, isolado do contexto, único para todos os indivíduos e o campo da linguística fica restrito ao estudo do aparato técnico. O subjetivismo idealista, por seu lado, considera o ato de fala como resultado da criação individual do falante, expressão de uma subjetividade a priori e a língua como um instrumento pronto para ser usado.

Volochinov (2004, p.72) considera que as duas orientações isolam e delimitam a linguagem como objeto de estudo específico e, assumindo uma concepção de linguagem como interação, ressalta o uso prático real dos atos de fala, “inseparável do seu conteúdo ideológico ou relativo à vida” (*ibidem*, p.96). Nessa perspectiva, afirmando que a linguagem é, por sua própria natureza, dialógica, Bakhtin ressalta o diálogo permanente entre indivíduo e sociedade, em que o *eu* só existe na relação com o *tu*, em diálogo com os outros *eus*.

Das palavras de Tezza (2003, p. 31):

O que produz significado (ou o que dá vida concreta à palavra) não é a definição

⁷ Apesar das diferenças de abordagens, Volochinov (2004, pp.73-75) situa, nessa corrente, entre outros teóricos, Wundt (psicologismo empirista) e a escola de Vossler (negação categórica do positivismo linguístico; concepção puramente estética da língua - gosto linguístico e afirmação do componente ideológico significante da língua).

reiterável do dicionário dentro de uma estrutura abstrata de sinais, da fonética à semântica, nem mesmo um contexto abstratamente considerado, mas o espaço entre sujeitos socialmente organizados em que a palavra real vive.

Esse entendimento é realçado na valorização conferida, por Bakhtin, à comunicação na vida cotidiana, ponto de partida para a constituição da ideologia. Para ele, “a fala dos homens comuns, no dia-a-dia, é a matriz da linguagem” (KONDER, 2002, p. 116), que se desenvolve, histórico e culturalmente, no mundo da vida⁸. Caracterizados pela proximidade das relações entre parceiros, os discursos do cotidiano configuram-se como campo privilegiado para o estudo da ideologia e das transformações sociais, tendo a palavra como signo dialético e ideológico. Afinal, é na vida cotidiana, no linguajar do povo que residem as energias contidas na cultura popular, permeada pelos valores e práticas comunitárias que permitem a crítica desmistificadora das distorções ideológicas, o que se explicita na dessacralização da linguagem autoritária e monopolizante das elites, no rompimento de barreiras, ultrapassagem de fronteiras, na força avassaladora do riso, da paródia, da sátira, da polifonia.

Considerações finais

Nos limites deste trabalho, de caráter apenas introdutório, apresentamos algumas contribuições de Bakhtin e de Volochinov no debate epistemológico nas Ciências Humanas e Sociais. Nesse contexto, algumas questões se avolumam, sinalizando a necessidade de aprofundamento quanto ao encaminhamento metodológico relativo ao estudo, dentre outras questões, da dialeticidade sujeito/objeto; discurso oficial/discurso cotidiano; verdade/interpretação/desvelamento de disputas ideológicas.

Afinal, que garantias nós temos de que “o que nós pensamos que sabemos” corresponde à realidade? Como submeter à “razão” a

⁸ Em Discurso na vida e discurso na poesia, Volochinov/Bakhtin defende que tanto os enunciados artísticos como os enunciados cotidianos se materializam na interação sociocultural e que as forças que funcionam em um são da mesma natureza das que funcionam no outro (FARACO, 2009, p. 31-32)

contraditoriedade de sociedades marcadas pelas divisões sociais, pelo trabalho alienado, pelas relações hierarquizadas? Que critérios de validade utilizar face à complexidade da condição humana em um mundo em permanente transformação? Como ampliar os espaços de mediação entre a reflexão teórica e a ação prática? O que é conhecer um indivíduo, sujeito cognoscente, expressivo, pensante e falante? Que caminhos metodológicos podem assegurar um conhecimento capaz de desvelar as distorções ideológicas?

Em meio a tantas interrogações que nos assaltam e para as quais as possíveis respostas suscitam outras tantas questões, poderíamos, ampliando a afirmação de Geraldi (2012) ao tratar da linguagem, alertar que, em se tratando de ciências humanas, é possível construir uma metodologia (não um método) e usar ferramentas fornecidas por diferentes campos, fazendo emergirem diferentes vozes na construção de um conhecimento que não se esgota e se renova ininterruptamente.

Nessa perspectiva, é preciso reconhecer as singularidades que conferem identidade própria às metodologias na produção de conhecimento nas ciências humanas, sabendo que “dispor de uma metodologia é dispor de princípios que precisam ser aliados à intrepidez, à astúcia, à argúcia e à perspicácia” (GERALDI, 2012, p. 24). É preciso, ainda, não perder de vista que o pesquisador em ciências humanas trabalha com *o outro*, sujeitos de sua pesquisa e, para além da dimensão epistemológica, o compromisso ético do pesquisador se expressa no respeito e consideração do *outro*, como companheiro de jornada na construção do conhecimento.

Referências

BAKHTIN, M. Metodologia das Ciências Humanas. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**, São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. (V. N. VOLOCHÍNOV) **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2004.

CUNHA, D. de A. C. da. Circulação, reacentuação e memória no discurso da imprensa. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 2, 2009.

EAGLETON, T. **Ideologia**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Editora Boitempo, 1997.

FARACO, C. A. **Linguagem & Diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FRANCO, M. L. B. Pressupostos epistemológicos da avaliação educacional. **Cadernos de Pesquisa**, n. 74, Fundação Carlos Chagas, 1990. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1084/1089>

GERALDI, J. W. Introdução – O mundo não nos é dado, mas construído. In: VOLOCHÍNOV, V. N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013, pp.7-29.

GERALDI, J. W. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. In: GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO – GEGE – UFCar. **Palavras e contrapalavras**: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana, São Carlos: Pedro & João Editores, 2012, pp. 19-39.

KONDER, L. **A questão da ideologia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MINAYO, M. C. de S. Ciência, técnica e arte: o desafio da Pesquisa Social. In: MINAYO, M. C. de S. (Org.) **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, B. (Org.) **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2012.

TEZZA, Cristovão. **Entre a prosa e a poesia**: Bakhtin e o formalismo russo. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

VOLOCHÍNOV, V. N. Que é a linguagem? In: VOLOCHÍNOV, V. N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013, pp. 131-156.

VOLOCHÍNOV, V. N. A construção da enunciação. In: VOLOCHÍNOV, V. N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013, pp. 157-188.

